



LERNER, Silvia Rosa. *Liberdade de escolher como morrer: resistência armada de judeus no Holocausto*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2015. 160p.

***Liberdade de escolher como morrer: resistência armada de judeus no Holocausto, de Silvia Lerner***

**Késia Oliveira\***

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil  
kesia@ufmg.br

Corpos expostos às mais variadas formas de violência. Sinagogas destruídas. Judeus enviados a campos de concentração, trabalho e morte. Essas são imagens que ocorrem com frequência quando se pensa nos horrores produzidos pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial. O senso comum parece instituir uma máxima de passividade frente às barbáries do nazismo, supondo que os judeus nada fizeram para resistir contra o seu extermínio. Nesse cenário, *Liberdade de escolher como morrer: resistência armada de judeus no Holocausto* (2015), da historiadora Silvia Lerner, desmistifica a ideia de estes marcharam para as câmaras de gás como carneiros para um abate. O estudo demonstra a resistência judaica de diversas formas, principalmente por meio de depoimentos, diários e da própria literatura.

Silvia Rosa Nossek Lerner, além de filha de sobreviventes, historiadora e autora de outros trabalhos importantes na área de estudos judaicos. Mestre em Psicanálise, desenvolveu, nesse estudo, o projeto “A arte produzida em tempos de intolerância”.

Organizado em dez capítulos, *Liberdade de escolher como morrer: resistência armada de judeus no Holocausto*, responde, de acordo com Helena Lewin, “a interrogções de grande relevância e permite examinar o complexo quadro de varáveis intervenientes que compõe o modelo político do estado nazista e suas consequências devastadoras sobre a população europeia judaica” (LERNER, 2015, p. 13).

Logo no início, o leitor se depara, em epígrafe, com uma passagem do discurso de Elie Wiesel ao receber o Prêmio Nobel da Paz em 1986: “Eu juro nunca ficar em silêncio quando e onde houver um ser humano suportando sofrimento e humilhação. Devemos sempre tomar partido. A neutralidade ajuda o opressor, nunca a vítima. O silêncio encoraja o algoz, nunca o atormentado”. Esse trecho norteia o trabalho, que pretende preencher uma lacuna historiográfica sobre a resistência judaica, configurando-se, ainda, como uma homenagem às vítimas.

---

\* Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas e pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.



Nos primeiros capítulos, tem-se um percurso histórico-social sobre a Alemanha do período entreguerras, no qual se destaca a criação do Partido Nazista em 1933; a instalação de políticas antissemitas, a partir das leis de Nuremberg, como a eliminação do direito à cidadania dos judeus, que passaram a não ser considerados como alemães, a proibição do casamento entre judeus e não judeus e a limitação do exercício das profissões liberais; a invasão à Polônia e o início da Segunda Guerra. Ressalte-se que, nessa época, “muitos judeus foram expulsos das escolas públicas e universidades; médicos foram proibidos de atuar nos hospitais públicos” (LERNER, 2015, p. 17).

O livro relata algumas limitações da vida judaica antes e durante a guerra, principalmente, no que diz respeito às condutas impostas pelos nazistas, como o uso obrigatório da Estrela de Davi; como a segregação dos judeus em guetos e sua, conseqüente, exclusão; bem como a implementação da “Solução Final”.

Conforme relatado por Lerner, os confinamentos de judeus em guetos foram instituídos na Polônia em 1939 e, a partir desse período, houve uma aceleração na deportação em massa para os campos de extermínio, determinada na Conferência de Wannse, em 1942. Essa data assinala, também, o começo da resistência armada judaica, que foi, inicialmente, formada por jovens confinados nos guetos. Tal resistência foi marcada por uma série de dificuldades, desde a comunicação com colaboradores fora dos guetos à obtenção de armas.

Dentre os guetos das cidades da Polônia, destaca-se, no livro de Lerner, o Gueto de Varsóvia. Neste ocorreu a principal resistência armada dos judeus frente às forças nazistas. Liderada por Mordechai Anielewicz, a Organização Combatente Judaica (ZOB, *Zydowska Organizacja Bojowa*) tinha como filosofia, o lema “morrer com dignidade”. A historiadora narra que a resistência ocorreu com armas contrabandeadas, pistolas, granadas, garrafas, facas, pedras e “o que quer que pudesse servir contra o inimigo” (LERNER, 2015, p. 85).

Apesar de ter uma considerável desvantagem em relação aos nazistas, os judeus atacaram os tanques alemães com coquetéis *molotov*, granadas de mão, valendo-se de armas de pequeno porte. Embora com uma superioridade em armamentos e número de soldados, as forças alemãs levaram cerca de um mês para reprimirem a revolta. Ressalte-se que o Dia da Recordação da Shoah e do Heroísmo (27 de Nissan do calendário hebraico) é dedicado à memória dos seis milhões de Judeus exterminados pelos nazistas e ao heroísmo da resistência judaica no Gueto de Varsóvia.

Em *Liberdade de escolher como morrer* têm-se, ainda, trechos de diários de guerra que como o *Diário do Gueto*, de Janusz Korczak. O médico, pediatra, pedagogo e escritor dirigia um orfanato, no qual chegou a cuidar de quase duzentas crianças e, para a historiadora, ele pode ser considerado um precursor dos direitos da criança e do adolescente. Seu legado como escritor “inclui um total de 24 livros, entre os quais



livros de pediatria, educação, contos, e histórias para crianças, além de 250 artigos publicados, entre peças satíricas e humorísticas” (LERNER, 2015, p. 70).

Para Lerner, o ato de resistir consisti, naquele contexto, em combater ou reduzir os efeitos materiais, psicológicos e morais a que os judeus foram submetidos durante o domínio nazista. Segundo a pesquisador, houve diversas formas de resistência: “ora psicológica e cultural, ora organizada, visíveis ou clandestinas, ora espontâneas, ora sob a forma de lutas armadas ou atitudes individuais de protesto ou grupais” (LERNER, 2015, p. 27).

Além da apresentação da resistência no Gueto de Varsóvia, o estudo contribui, ainda, para uma historiografia sobre outros movimentos clandestinos de resistência judaica ocorridos em Bialystock, Czestochvana, Kovno, Krakow, Minsk e Vilna, e em outros campos de extermínio como Auschwitz, Sobibor e Treblinka. Nesses espaços, destaca-se a atuação dos *partisans* – designação de tropas irregulares que foram formadas para se opor à ocupação. Els operavam atrás das linhas inimigas e tinham por objetivo atrapalhar a comunicação, roubar cargas e executar tarefas de sabotagem. O *pogrom* de Kielce, um massacre no gueto homônimo, também é referenciado. Ao final do livro, a historiadora sugere, num levantamento importante, obras artísticas e acadêmicas que podem ampliar o tema de sua pesquisa.

-----

Recebido em: 07/01/2017.

Aprovado em: 07/04/2017.